



CONSTRUINDO UMA UNIVERSIDADE - A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

Rita de Cássia Santos Freitas
Universidade Federal Fluminense
ritacsfreitas@uol.com.br
Cenira Duarte Braga
Universidade Federal Fluminense
ritacsfreitas@uol.com.br
Nívia Valença Barros
Universidade Federal Fluminense
barros.nivia@gmail.com

“Trabalhávamos mais do que vivíamos e lutávamos mais do que trabalhávamos” (Emília de Jesus Ferreiro – referindo-se à criação do Curso de Nutrição)

Esse texto fala de mulheres, de uma história de mulheres. Fala de suas “saídas” (PERROT, 1991) e do modo como elas foram revolucionando seus cotidianos de gênero e transformando suas vidas e o mundo à sua volta. Preferimos iniciar ouvindo o relato de uma delas: D. Violeta Campofiorito Saldanha da Gama¹

Aconteceu que um dia eu estava passeando com Jamil [outro professor] na Praia de Icaraí. Nós dois passeando pela praia e conversando sobre a Universidade e preocupados em procurar um prédio. Aí, Jamil olhou para o edifício do Hotel [antigo Cassino Icaraí], né! E disse: Dona Violeta, a senhora não acha que o melhor lugar para a Universidade seria esse prédio? Eu disse: é, mas como é possível? Vamos lutar por ele? Vamos. E saímos dali dispostos a lutar para ter. A Universidade estava funcionando precariamente.

(...)

Aí, eu fui visitar a família Grilo Paz que eram os donos do hotel (...). Fui lá e ele me recebeu muito bem. Já me conhecia de nome e eu falei. Ele disse: Oh! Dona Violeta para a senhora eu faço qualquer negócio porque eu conheço a sua família Campofiorito há anos. Gente muita honesta, muito correta. Gente que a gente pode entregar as coisas e saber que vão dar certo. Mas coma Universidade eu não quero nada. Eu não acredito que eles vão pagar. ‘Mas eu to aqui justamente como intermediária em nome do Reitor Barreto Neto para propor a compra do prédio’. E ele disse não.

Essa primeira negativa não foi aceita. Como ela poderia desistir? As redes e táticas “femininas” foram se apertando. A arte de tomar um “cafezinho” na hora certa aparece em vários relatos de nossas entrevistadas². Trata-se de um momento de “costura”, de articulações:

E eu fui lá tomar cafezinho com ele várias vezes para conversar e ele muito gentil e a família dele toda que eu conhecia. Então, a coisa foi encaminhando... Até que um dia ele falou: ‘a senhora fala com o reitor para fazer uma proposta’. Depois de muita insistência, o Reitor fez uma proposta. Ele leu a proposta e chamou a família dele toda e concordaram com a proposta do Barreto Neto. Também era uma figura humana maravilhosa. E

¹ Todas as falas pertencem ao Arquivo NPHPS/CRD, onde insere-se nossa pesquisa. Todas as entrevistas são filmadas, depois passadas para DVD e transcritas.

² D. Nilda Ney, diretora da ESS no período da ditadura militar conta que também utilizava a tática de um cafezinho bem quente quando recebia visitas do DOPS. Assim, tinha tempo de organizar as idéias e dar tempo para as alunas se organizarem.



todo mundo acreditava no Barreto Neto. Ninguém não tinha uma menor dúvida e assim é que foi vendida. Um dia ele disse: eu só vendo se a senhora assinar ao meu lado. ‘Eu?’ Eu disse: ‘assino, não tem problema’. Então, ele assinou, fez uma carta vendendo o prédio pelo preço X a Universidade e eu assinei ao lado dele. E não tinha nada com a história. Mas ele achou que eu ali... A Universidade não ia deixar de pagar a ele porque eu estava ali assinando. Aí, passou-se, passou a Universidade a tomar conta do Prédio. Assim... Foi assim com essa maior simplicidade. Deve-se ao Barreto Neto a [compra]. Eu [fui a] intermediária...

O prédio acima referido era o do antigo Cassino Icarai e a reitoria, que até hoje funciona aí, é a da Universidade Federal Fluminense, onde trabalhamos e de onde tecemos esse pequeno registro. Esse relato chamou nossa atenção – na verdade, esse e outros relatos que produziram frutos, resultando em trabalhos de conclusão de curós, monografias e textos apresentados em vários congressos. Nós estudávamos, quando realizamos essa entrevista, as pioneiras da escola de serviço social da UFF. Essa frase pariu outra linha de estudos, ao buscarmos investigar a participação das mulheres na construção da universidade. Essa construção se dá a partir de cursos e da regulamentação de várias profissões, mas também a partir do patrimônio físico da universidade.

A reitoria é um belíssimo prédio na Praia de Icarai, também uma bonita praia onde gostamos de caminhar, tal qual Violeta e o professor Jamil, tempos atrás. Este prédio faz parte de nossas vidas hoje, como fez de D, Violeta que já o freqüentava quando ele ainda era um cassino – aos risos D. Violeta nos diz que continuou freqüentando o cassino; “parece que eu perdi o cassino, mas ganhei a Escola de Serviço Social”.

O corredor que temos que percorrer para chegar à sala do reitor, na UFF, é repleto de fotos dos homens que fizeram parte da história da universidade. Mas onde estão as mulheres que também habitaram essas paredes? Onde ficou o registro desse passeio desses dois professores, Violeta e Jamil? Existe alguma homenagem a essa mulher que, não apenas teve a idéia de uma reitoria, mas também teceu a rede, fez as articulações para que essa compra acontecesse? A reitoria da universidade funcionava nessa época dentro do Hospital Antônio Pedro. Importante alertar que ela não apenas tomou a iniciativa dos primeiros contatos como foi um elemento importante na negociação, pois a universidade não era conhecida – melhor, não era re-conhecida. A “fiadora” dessa confiança foi D. Violeta que nos conta que também emprestou para a reitoria uma parte do dinheiro necessário para a compra do prédio. Ouçamos, novamente, seu relato:

Aí, precisava dinheiro [para a compra do prédio]. Eu estava deixando a presidência, a direção da Escola. E Nilda Ney muito minha amiga... Ela ficou na direção contanto que eu ficasse ao lado porque eu tinha a nomeação do presidente da República. Ela ainda não tinha. Teve depois. Eu falei... vamos embora Nilda? ‘O que você fizer eu estou de acordo’. ‘Você concorda que eu empreste o dinheiro que a Escola de Serviço Social recebeu... uma verba...você concorda que eu dê essa verba para comprar...empreste ao Barreto Neto para comprar?’ Ela disse: ‘concordo’. Ela não fazia nada sem conversar comigo. A turma da Escola era muito, de grandeza. Todo mundo era responsável. Então, assim a Nilda fazia parte das reuniões. Eu não era mais a diretora. Era ela. Então, ela foi e cedeu a nossa verba para o Barreto Neto comprar o prédio. Até porque eu tinha empenhado o meu nome ao velho Paz. A família toda disse que só vendeu porque meu nome era



respeitado em Niterói, né! Então... Nilda... Depois recuperou, né! Mas na hora de comprar o prédio, o dinheiro foi da Escola de Serviço Social. Foi sim. Isso é verdade.

Essas falas foram aguçando nossa atenção. Assim, fomos buscando outras mulheres, a partir das falas e indicações que fomos – e ainda estamos – recebendo para conhecer um pouco mais da história da UFF. Quantas outras histórias estão silenciadas? Qual a participação das mulheres na construção de outros cursos e da universidade³?

Falamos aqui da cidade de Niterói e, mais precisamente, falamos da Universidade Federal Fluminense (UFF) que se espalha com seus prédios e campus pela cidade. Já faz algum tempo que concentramos nossos esforços nos estudos de gênero e memória. Inicialmente, estudamos a participação das mulheres na criação da Escola de Serviço Social (ESS) da UFF. Entrevistamos professoras, pioneiras da Escola – e do próprio sistema de proteção social do município de Niterói – e também formatadoras, junto com outras mulheres, do processo de regulamentação e criação do serviço social enquanto profissão. A história oral foi a metodologia que possibilitou o acesso a essas falas e, por implicação, a essas histórias. O resultado dessas pesquisas já foi exposto em vários textos e apresentações.

Dando continuidade a esses estudos, trazemos hoje outras mulheres, outras histórias. O fato é o que essas mulheres nos trouxeram de informação abriu nossos olhos à participação delas mesmas e de outras mulheres (das quais também fomos colhendo histórias) na construção de nossa universidade – bem como na criação de outros cursos. Assim, este texto objetiva apresentar, ainda que de forma introdutória, essa história e pensar a forma como as mulheres atuaram na conformação desses espaços, ainda que essa presença permaneça em grande parte invisibilizada.

Permanecemos atentas ao nosso interesse inicial em preservar a memória da cidade, valorizando a vida de agentes femininos que participaram e contribuíram para traçar o perfil sócio-político da região fluminense, “saindo” de seus cotidianos e adentrando na esfera pública. Nosso interesse está sendo basicamente perceber o modo como foram criando profissões, ajudando na construção de cursos, como foram regulamentando espaços de trabalho, e até mesmo na apropriação

³ Essa formatação da pesquisa mais voltada para o estudo da participação das mulheres na universidade iniciou-se de forma mais consistente em no final de 2007 quando conseguimos financiamento da FAPERJ (Edital Jovem Cientista). Importante enfatizar que este projeto encontra-se registrado em nossa Pró-Reitoria de Pesquisa, bem como na Pró-Reitoria de Extensão, contando sempre com a participação de bolsista de extensão e bolsa treinamento. É interessante lembrar que na semana de extensão de 2009 ao apresentarmos parte dos resultados desse projeto (que envolve prioritariamente mulheres na área de humanas) fomos apresentadas a outra personagem da área das ciências exatas – outra dimensão importante que poderemos aprofundar num futuro próximo.



de prédios para a universidade – essa será a tônica dessa apresentação: ver como foram atuantes na aquisição do patrimônio da UFF⁴.

Niterói surge também em nosso texto como um espaço “múltiplo” (MARTINS e KNAUSS, 1997). Diversos projetos (sociais, políticos, econômicos, individuais, classistas ou culturais) surgem e são estudados demonstrando a multiplicidade de sujeitos e processos sociais. O texto de Gustavo Rocha-Peixoto (in MARTINS e KNAUSS, 1997) nos fala acerca dos tombamentos que vão salvaguardando nossos patrimônios, nossa memória arquitetural. O autor relembra, igualmente, alguns patrimônios “intombáveis”⁵, como o refrigerante Mineirinho, a “curiosa” Hidrovita (que habitou também nossas infâncias e juventudes, assim como o suco de tangerina do “Capital”), o Caneco Gelado do Mário (poderíamos acrescentar ainda, a deliciosa e aconchegante Leitaria Brasil, ou o instigante Bar do Natal ou Petit Paris), assim como o por de sol na baía de Guanabara, entre outros. Nesses monumentos, possíveis ou não de serem tombados, existe, contudo, uma ausência da presença das mulheres na cidade.

Esses e outros “patrimônios” vão nos envolvendo a partir de suas formas, cheiros e corpos, fazendo com que a cidade surja diante de nossos olhos: conhecida, amiga. Bem diferente, em seu entender, da cidade que nos confronta do outro lado da baía. O Rio de Janeiro surge em suas linhas como uma cidade sempre presente na vida de Niterói, uma cidade que também deve ser compreendida (como na verdade, temos que compreender Niterói).

Buscando compreender Niterói, é importante enfatizar que a cidade nunca foi efetivamente motivo de grandes reflexões históricas. Ismênia Martins ao analisar a produção existente até a década de 80 constatou a existência de apenas 84 produções que estudavam a cidade de Niterói. Estas se caracterizam pela abordagem descritiva (presente em 49 das produções estudadas), tendo o século XIX como alvo preferencial dessas análises, destacando-se também o baixo número de autores, o que comprova que pouca gente escrevia sobre esse tema. Os anos 80 e 90 não trazem grandes transformações nessa realidade. Um elemento diferenciador nessa dimensão foi o Programa de Pós-Graduação em História da UFF (que teve à frente de sua criação uma mulher, uma de nossas entrevistadas, a professora Aydil Preis). No entanto, são poucas as dissertações de tese defendidas neste programa que tomam a cidade como objeto de estudo (MARTINS, 1997). Segundo Martins, a

⁴ A **Universidade Fluminense**, com sede em Niterói foi criada pela Lei 808 de 10/03/1950. Posteriormente, passou a denominar-se **Universidade do Estado do Rio de Janeiro** (Lei 3656 de 12/06/1958). A federalização da universidade só acontece com a Lei 3.848 de 18/12/1960 que cria a **Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFERJ)**, vinculada ao MEC. Foi pela Lei 4.831 de 05/11/1965 que a UFERJ passa a se chamar UFF (**Universidade Federal Fluminense**), resgatando-se, dessa forma, seu antigo nome.

⁵ Cf. Martins e Knauss (1997).



história de Niterói necessita ainda de um grande esforço. Este é um desafio a ser enfrentado: procurar novas abordagens, novos olhares, novos objetos de estudo que nos permita aproximar um pouco mais de “tudo o que foi significativo para a construção e transformação da cidade”. Dando “continuidade” ao texto de Martins, iniciamos uma pequena pesquisa na Biblioteca Central do Gragoatá/UFF, que teve como objetivo fazer um breve levantamento sobre a bibliografia existente sobre a cidade⁶. O recorte temporal compreendeu o período de 1995 a 2005, ou seja, dez anos da produção historiográfica de Niterói em livros, Trabalhos de Conclusão de Curso e Teses e mostra uma ampliação nessa produção, mas a discussão de gênero permanece ausente. A história biográfica – central em nossa pesquisa – revela certo incremento, contudo, se nos voltarmos para duas obras: “Memória de Niterói: 12 depoimentos” coordenação de Júlio Vasco e “Personagens e imagens de uma cidade” coordenação de Ângela de Castro Gomes (que seguem uma metodologia semelhante: depoimentos de personagens importantes para a cidade, mas cujos nomes não figuram na “grande história”) – veremos que no primeiro livro todos os personagens são homens. No segundo encontramos o relato de apenas uma mulher (Lizair Guarino). Outro livro, de Aníbal Bragança (Livraria Ideal: do cordel à bibliofilia), nos possibilita conhecer a vida de um emigrante (Silvestre Mônaco) e um pouco do cotidiano da cidade, mas também não nos traz um olhar feminino sobre essa cidade. Onde estão as mulheres de Niterói? Não desmerecemos os personagens escolhidos por esses autores, mas entendemos que outros olhares, outras falas também são possíveis.

Niterói possui a especificidade de ser uma cidade que tem uma universidade federal que funciona com várias unidades espalhadas pelo município: a Faculdade de Direito está no Ingá, a Faculdade de Veterinária está no Vital Brasil, a Faculdade de Enfermagem está na Rua da Conceição, o Hospital Antônio Pedro na Marquês do Paraná, a Faculdade de Engenharia e a Faculdade de Arquitetura em São Domingos, o Campus Valonguinho no Centro, o Campus do Gragoatá em São Domingos. E é esse um dos fatores que difere a UFF de outras universidades brasileiras.

Qualquer estudo não tem dúvidas em apontar o aumento do percentual de mulheres no mercado formal de trabalho; assim como fica evidente o maior número de anos de estudos das mulheres. Contudo, as desigualdades de gênero permanecem. Na universidade, os professores homens continuam maioria, mas existe um aumento da participação das mulheres (embora alguns “guetos” permaneçam). É interessante enfatizar que vem crescendo o número de tituladas, com

⁶ Trabalho apresentado na Semana de Iniciação Científica de ano passado (2006), com o título “Pensando a historiografia de Niterói: dez anos (1995-2005)”, de autoria das alunas Ellen do Nascimento Anacleto e Iohana Santos Fernandes.



destaque para as doutoras (RISTOFF, 2007). Mas quando se pensa na universidade, é a imagem dos homens que ainda aparece.

Atualmente, a universidade tem cerca de 21.682 alunos matriculados, 2.275 professores e 4.718 funcionários com um total de 79 departamentos de ensino, 51 cursos de graduação e 131 cursos de pós-graduação⁷. Desse total de professores, 1.364 são homens e 911 mulheres (dados consolidados até junho/08). Em sua história – e neste ano, ela completa sessenta anos – nunca teve uma reitora, tendo apenas duas mulheres como vice-reitoras. A participação das mulheres como pró-reitoras é incipiente – ocorrendo mais na pró-reitoria de extensão e de assuntos acadêmicos, ficando os assuntos “mais sérios” (pesquisa e planejamento) com uma participação menor. As mulheres são majoritariamente as secretárias, as “organizadoras”, dificilmente, as planejadoras.

Essa pesquisa ratificou nossa percepção da existência de uma grande lacuna no que diz respeito à história das mulheres, à participação destas nos fatos históricos narrados nas obras pesquisadas. É importante enfatizar que apostar na construção da história desta cidade a partir do olhar e da vivência feminina⁸ não significa, para nós, a reconstrução de uma “outra” história, verdadeira e definitiva. Interrogamos o passado e buscamos contar, reconstituir uma história, várias histórias e trazer para o momento atual suas experiências, as imagens que ficaram no esquecimento e que podem nos ajudar a entender um pouco melhor nossa cidade, nossa vida de mulheres e homens, hoje.

As mulheres que entrevistamos tem nos levado a conhecer uma “leitura” possível das experiências e dos processos históricos que viveram (uma leitura que envolve o olhar feminino, uma posição de classe, etnia, idade, etc.). A “saída” de tais mulheres deve ser entendida segundo a concepção da historiadora francesa Michelle Perrot (1999) que caracterizar esse “sair” a partir de duas formas: sair fisicamente, viajar e sair também “moralmente”, pois não podemos negar que, na busca por seus objetivos, estas pioneiras tiveram que fugir dos papéis de gênero atribuídos às mulheres pela sociedade. Esse segundo tipo de “saída” se caracteriza, no caso de nossa pesquisa, pela “viagem-ação” a partir do trabalho onde essas mulheres puderam movimentar e transformar a realidade a sua volta e também a si mesmas. Mas se caracteriza também pelas viagens efetivas que estas pioneiras tiveram que fazer, inclusive a outros países – e que repercutiu em seus mundos privados, transformando valores e representações. Parafraseando M. Perrot, pudemos perceber o

⁷ Esses dados, na verdade, já estão defasados, principalmente se levarmos em conta a quantidade de contratações e concursos em andamento.

⁸ Que, necessariamente, se diferencia do olhar e da vivência masculina, não por uma questão biológica ou essencialista, mas por um olhar e uma vivência que foram construídos social e historicamente de forma diferenciada.



modo pelo qual as mulheres buscaram tomar o pouco espaço que lhes eram deixados para ampliar seus conhecimentos, alargando suas influências à fronteiras antes improváveis de serem alcançadas.

Não acreditamos numa dicotomia entre os estudos de mulheres e os estudos de gênero. Na verdade, entendemos que recuperar a história das mulheres, as experiências vividas e apreendidas é impossível sem estarmos atentos às relações de gênero. Nesse sentido, algo fundamental é a reflexão de Lauretis, sobre a importância de se pensar a **experiência**, o espaço micro, onde se desenvolve o processo de construção da identidade para todos os seres sociais. Essa constelação de efeitos de significados que ela denomina como experiência⁹ pode ser continuamente alterada para cada indivíduo através de seu engajamento na realidade social, uma realidade que inclui – e, para as mulheres, de forma capital - as relações de gênero. O gênero influi em nossas experiências. Homens e mulheres vivem o mesmo cotidiano, mas a maneira como cada um destes apreende este mesmo cotidiano não pode ser a mesma, já que desde crianças foram acostumados a pensar o mundo e a se pensar no mundo de forma diferenciada.

E nesse momento, a importância dos estudos de Pierre Bourdieu aparece com força. Suas reflexões acerca da dominação masculina, utilizando o conceito de violência simbólica é central em qualquer estudo de gênero. A construção do habitus e o modo como a dominação masculina – e as relações de gênero – se exerce sobre os corpos e práticas das pessoas ganha sentido se pensarmos no conceito de violência simbólica – uma violência sutil (mas extremamente cruel) que se efetiva sem que as pessoas tenham a real dimensão de sua força, uma vez que esta é naturalizada. A violência simbólica se exerce sem que as pessoas sobre as quais se exerce a percebam como violenta – é um tipo de violência exercida pelos homens contra as mulheres, mas também pelos homens contra os homens (WELZER-LANG, 2001). Por violência simbólica deve-se entender a imposição de princípios de visão e de divisão incorporados, naturalizados, que são aplicados às mulheres e, em particular, ao corpo feminino (BOURDIEU, 1999: p. 58). Negar esses princípios e essas práticas não é uma atividade fácil.

Um elemento importante a destacar no artigo de Perrot é que esta fala da filantropia e da caridade – podemos pensar nas profissões do cuidar – como uma primeira forma de “saída” das mulheres não só dos seus lares, mas principalmente das funções que lhes eram atribuídas. Essas “saídas” não só mudaram a visão de mundo das próprias mulheres – já que se fazia necessário

⁹ “Essa observação me sugere que o que eu estava tentando definir com o conceito de um complexo de hábito, associações, percepções e disposições que nos ‘engendram’ como femininas - era na verdade a experiência do gênero, os efeitos de significado e as auto-representações produzidas no sujeito pelas práticas, discursos e instituições socioculturais dedicados à produção de homens e mulheres” (LAURETIS, 1994: 228-29).



realizar obras, fazer visitas domiciliares e atividades diversas das quais as mulheres não estavam familiarizadas –, mas também abrem caminhos para a amplitude (e ampliação) do trabalho social. A transformação da filantropia em trabalho social representa de fato, um momento decisivo dessas saídas, já que com o passar do tempo fez-se necessário a profissionalização das mulheres. Elas puderam, então fazer “do seu compromisso social um exercício de liberdade pessoal” (PERROT, 1991, p. 509).

A escolha dessas mulheres se deve ao mapeamento que estamos fazendo na universidade, avaliando a importância política dessas. Emília Ferreiro foi uma das fundadoras do curso de nutrição; Aydil Preis foi vice-reitora, Pró-Reitora de Extensão e uma das fundadoras da ASPI-UFF (Associação dos Servidores e Pensionistas Inativos da UFF), Felizberta Trindade tem importante participação na cidade tendo sido Secretária de Educação do Município e diretora da Faculdade de Educação. Ismênia Martins é historiadora com participação também importante no departamento de história e na vida da cidade. A partir dessas entrevistas, outras mulheres estão sendo selecionadas.

É interessante ver como essas mulheres possuíam um conhecimento muito grande da cidade e dos prédios existentes. A confiabilidade que possuíam era uma garantia maior do que a de uma universidade que estava sendo construída, como podemos ver. O encontro de D. Violeta com sua amiga, do Curso de Nutrição, D. Emília Ferreiro (outra entrevistada) resultou também na aquisição de prédios para a universidade. Talvez possamos repetir aqui, com o poeta que a vida é a arte do encontro. O encontro de Violeta, Emília e Maria Cândida (que não é uma das nossas entrevistadas, mas foi citada por estas) foi proveitoso. Ouçamos este encontro: Violeta lembra que ia para o mercado (“Toda a minha vida, os fatos todos foram simplórios”, ao passear pela praia, surge a idéia de uma reitoria, ao ir para o mercadinho na Rua Álvares de Azevedo, o encontro com Emília Ferreiro (nutricionista) resultou na aquisição de outro prédio. Foi graças às articulações tecidas por essas mulheres que o antigo prédio do SAPS¹⁰ em Niterói foi anexado ao patrimônio da UFF. Emília Ferreiro (junto com Violeta Campofiorito e a assistente social Maria Cândida Domingues) procuraram a Previdência e pediram o prédio para a universidade onde, hoje, é instalado o CRIAA-UFF (que atende adolescentes e crianças). D. Emília teria dito:

Violeta vamos trabalhar para esse prédio passar para a Universidade?" Vamos. O que é preciso fazer? É preciso pedir ao Reitor para ele fazer um ofício ao Ministério pedindo a mesma coisa. Tomei um táxi e fui lá no Barreto Neto. Fui para a Universidade. Doutor Barreto Neto faça-me isso, isso e isso. O restaurante tem muita gente querendo o restaurante. Mas nós amigos da Universidade queríamos que ele passasse para a Universidade. Tudo foi feito assim: às pressas. Eu entreguei o ofício a Emília e entregamos a Maria Cândida que fazia parte da comissão lá. E Maria Cândida levou o ofício do Barreto Neto e na mesma hora o restaurante passou para a Universidade. Assim, uma coisa simples. Mas dependeu da atitude de certas pessoas. Primeiro,

¹⁰ Serviço de Alimentação da Previdência Social.



Emília que não queria que o restaurante saísse dali e segundo, eu que encontrei com a Emília no mercado e que gostava do restaurante. Terceiro que foi o primeiro de todos foi o Barreto Neto que apoiou a nossa idéia e na mesma hora fez um ofício e Emília, Maria Cândida e comissão e dois ou três dias depois, o restaurante estava doado para a Universidade Federal Fluminense.

Emília teve destaque na criação do curso de Nutrição, chegando a ser sua diretora – outra “saída” para uma profissão que remonta ao universo feminino, mas que possibilita a profissionalização e o reconhecimento desse trabalho. Emília recorda dessa época que “trabalhávamos mais do que vivíamos e lutávamos mais do que trabalhávamos”. Afinal, tal qual no serviço social, tratava-se de “fazer” uma profissão. Ela, a partir de seu trabalho no SAPS, trouxe esse aparato para dentro da universidade, que originou a construção do Bandeirão da UFF (local de alimentação dos alunos da universidade). Outro ponto importante é a participação de Emília Ferreiro no processo de construção do campus do Gragoatá da UFF.

É difícil falar dessas mulheres em tão curto espaço. Aidyl Preis é historiadora (formada pela antiga Faculdade de Filosofia - depois integrada a UFF em 1961) com doutorado na USP. Foi no retorno desse curso, em 1970, com seu doutorado quase concluído que assumiu a direção do Departamento de Direitos Humanos e Filosofia da Universidade Federal Fluminense no auge da ditadura no Brasil e resolveu implementar o curso de pós-graduação na Faculdade de História. Sobre a criação de Pós-Graduação do Curso de História (em pleno período ditatorial): “Vi isso [a falta de estrutura para a formação continuada dos professores] e fiquei muito preocupada e disse: ‘Olha, nós temos que fazer alguma coisa’. Institui uma comissão interdisciplinar (...). Qual era o objetivo dessa comissão? Era estudar a possibilidade de implantação da pós-graduação no ICHF. Bom, foi um passo ousado”.

Pergunta Aydil com orgulho: “Quantas mulheres de origem negra chegaram à Reitoria ou Vice-Reitoria? Vocês conhecem?” Essa mulher teve importante participação também na aquisição, pela UFF, da Orquestra Sinfônica: “Outro fato importante é a vinda da Orquestra Sinfônica para a Universidade. Isso foi uma coisa que eu me orgulho muito porque eu estava na vice reitoria e o professor Raimundo estava em entendimentos com o governo, com a o Ministério da Educação, por que ele pretendiam dissolver a orquestra sinfônica e colocar os músicos em disponibilidade”. É claro que ela não poderia permitir isso.

Ocupar cargos no poder suscita questionamentos. É também com orgulho que Aydil afirma, em relação aos anos sessenta, onde atuou em cargos de direção: “Agora o quê que nós fizemos? Isso nós fizemos, por exemplo, atestado contra professor não demos nunca! Nenhum! Todos os atestados eram pedidos com muita frequência. A gente criou até uma frase que a gente dizia o



seguinte: “Não conheço nada que desabone a perfeita conduta do professor fulano de tal”; “Não há nada que possa ser apontado na conduta do aluno de tal”. E assim eram todos os nossos atestados que a gente era obrigado a dar. Não podia deixar de dar não é?”

Das nossas entrevistadas, foi a única que chegou a ser vice-reitora, tendo sido também pro-reitora de extensão (“Eu me senti assim muito bem, valorizada, quando fui convidada pelo Reitor para ser Pró-Reitora [de Extensão] porque era o reconhecimento do trabalho do aposentado”).

Chegou a se candidatar para a reitoria. Uma eleição marcada por campanhas de mulheres. Aydil, Ismênia e Emília concorreram no mesmo processo eleitoral...

Para finalizar, um aspecto que não pudemos desenvolver muito aqui, mas que fica para textos futuros: a relação vida pública e privada. Avaliar os impactos de uma socialização baseada nos padrões de gênero na vida dessas mulheres que ousaram transgredir esse padrão. Ismênia Martins nos lembra que “o impasse que minha geração tinha nessa questão de sair para fora. Porque, veja bem, eu fui socializada e educada para casar, ter filhos e construir um lar cristão, né ... a família, o colégio. E na verdade, eu casei, apesar de estudar e trabalhar fora; em casa até hoje sei cozinhar, sei fazer quitutes, bolinhos, docinhos caramelados, a decoração da minha casa é linda, sempre sou eu que providencio tudo”. Na verdade, não é fácil equalizar as demandas do mundo público com aquelas que nos chegam de nossas casas, do mundo privado – que de nenhuma maneira é um espaço de privação; ao contrário, é um espaço também de prazer. Talvez o aprendizado ainda difícil de conseguirmos reside em como implementamos modificações em nossos cotidianos ampliando essas modificações para nossos companheiros e companheiras.

Ismênia Martins afirma que “a história de Niterói necessita ainda de um grande esforço; porém, “não se trata da história de um lugar e sim de um espaço social permanentemente reconstruído”. Podemos parafrasear essa frase para pensar a história da universidade e a história das mulheres.

Esperamos ter demonstrado a complexidade desse processo e que elas não encontraram tudo pronto, mas tiveram muito trabalho para construir. Ainda acreditamos que o trabalho – enquanto elemento que faz e refaz os indivíduos – é extremamente central para pensarmos a emancipação das mulheres. Como afirma D. Nilda Ney (uma de nossas primeiras entrevistadas), é fundamental para a mulher ter independência econômica: “no dia em que a mulher tiver independência econômica, ela é dona de si mesma” – a necessidade de “um quarto e uma renda” ainda permanece atual.

A trajetória de construção da Universidade Federal Fluminense acontece, portanto, a partir de muitas realizações. A partir desses meios iniciais e das lutas dessas e de outras mulheres para o



reconhecimento do ensino, se inicia uma reforma não só na universidade, mas em todo o campo de trabalho para as mulheres. Todo esse processo traduz a ousadia e a vitória dessas mulheres que desafiaram o conservadorismo de sua época e transformaram a universidade num espaço onde a mulher conquista a sua independência a partir de sua profissão.

BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRANGANÇA, Aníbal. Livraria Ideal: do cordel à bibliofilia – Niterói: Ed. Pasargada: Eduff, 1999.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.). Usos & abusos da história oral, Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.
- FREITAS, Rita de Cássia Santos et al. “Construindo uma profissão: o caso da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense”, Revista Serviço Social e Sociedade, n. 97, São Paulo: Cortez Ed., jan e mar de 2009.
- LAURETIS, Teresa de. “A tecnologia do gênero”, Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura (org.: Heloísa B. de Hollanda), Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MARTINS, Ismênia de Lima & KNAUSS, Paulo (org.). Cidade múltipla: temas de história de Niterói, Niterói: Niterói Livros; 1997.
- PERROT, Michelle. “Sair”, História das Mulheres no Ocidente, (org.: Michelle Perrot e Georges Duby), Porto: Ed. Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1999.
- RISTOFF, Dilvo et al (orgs.). A mulher na educação superior brasileira: 1991-2005, Brasília: INEP, 2007.
- SCOTT, Joan. “História das mulheres”, A escrita da história (org: Peter Burke), São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1992.
- VASCO, Júlio (coord.). Memória de Niterói: 12 depoimentos, Niterói: Palanque, 2002.
- WELZER-LANG, Daniel. “A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobias”, Estudos Feministas, ano 9, 2001. www.scielo.br.